

ARTIGO »

Decifrando a alta do milho em 2014

Rubens Augusto de Miranda e João Carlos Garcia*

Publicação: 14/04/2014 04:00



Após 2013 com safras recordes de milho em todo o globo e a consequente baixa nos preços decorrentes disso, era de se esperar um recuo na produção do cereal no presente ano. Nesse sentido, as informações que chegam de instituições oficiais confirmam esse cenário. A prévia do primeiro relatório oficial do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês) para a próxima temporada, divulgada no fim de fevereiro, indica que deve ocorrer uma diminuição da área cultivada com milho em 1,38 milhão de hectares nos Estados Unidos. A área de plantio desse cereal deve baixar de 38,1 milhões para 37,23 milhões de hectares.

Concomitantemente à redução da área do milho, a soja deve ampliar a sua área plantada nos EUA em 1,21 milhão de hectares, passando de 30,96 milhões para 31,17 milhões de hectares. Esses números indicam uma expansão da área da oleaginosa sobre as áreas cultivadas com o milho, conclusão também expressada pelo economista-chefe do USDA, Joe Glauber. É importante visualizar ainda que, caso a safra brasileira reduza muito as suas projeções em razão das condições climáticas que se verificaram em algumas regiões produtoras de soja no verão, haverá um incentivo maior para o produtor americano plantar mais soja na próxima safra.

A recente crise na Ucrânia, além de suas implicações sobre a geopolítica mundial, poderá ter grandes impactos no comércio internacional de milho, pelo menos no curto prazo. Na safra 2013/14, o país colheu um volume recorde de 30,8 milhões de toneladas de milho. O impacto desse resultado é potencializado pelo fato de a Ucrânia ser um dos grandes players do mercado mundial do cereal, abastecendo o mercado europeu e asiático.

SITUAÇÃO INTERNA Assim como nos Estados Unidos, o milho no Brasil perdeu espaço para a soja. Na safra de verão, a área do cereal caiu 5,1% e a da oleaginosa aumentou 7,1%, segundo os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Em termos absolutos, a maior redução foi ao redor de 200 mil hectares no Paraná, 23,7% da área com milho no estado, no verão de 2013/14. A redução da área, aliada ao clima ruim que afetou a produtividade em alguns estados, resultou na diminuição da produção de milho no verão em 9,1%. Em outras palavras, produziram-se 3 milhões de toneladas a menos na primeira safra em relação ao mesmo período da safra 2012/13.

Os baixos preços do milho no fim de 2013, momento de planejamento da segunda safra de 2013/14, também fizeram o cereal perder espaço no inverno para o algodão, girassol e feijão no Centro-Oeste e para o trigo, feijão e canola no Paraná. Existem inclusive algumas posições de plantio da soja de inverno, o que é um contrassenso em termos agrônômicos. Além de esse plantio de soja nessa época ser inadequado em termos de rotação de culturas, a colheita deverá ocorrer no limiar do início do vazio sanitário. O resultado é que a redução da área do milho de inverno deve ser de 3,9% no Centro-Oeste e de 12,1% no Paraná, segundo dados da Conab.

Não bastasse a redução da área na segunda safra, a produtividade também poderá cair. Primeiro porque, no planejamento do plantio feito ainda em 2013, o produtor programou menores investimentos na lavoura por causa do baixo preço do milho e do alto valor dos insumos. Segundo, por causa do clima adverso enfrentado pelo país nesse verão. Chuvas excessivas em algumas regiões e estiagem em outras atrasaram o plantio do milho. Somente no Mato Grosso, mais de 800 mil hectares devem ser plantados fora da janela ideal de plantio da segunda safra. A implicação desses fatos é, logicamente, a queda de produtividade. A média nacional deve ficar, portanto, abaixo dos 5.188kg por hectare obtidos no ano passado

Concomitantemente à queda da produtividade, tem-se observado a perda de qualidade do grão por micotoxinas, pelos mesmos motivos climáticos. Tais problemas de qualidade têm levado a indústria do milho a recusar vários lotes do cereal, e também acarretado aumento de custos de monitoramento. Cabe ressaltar também que tal problema pode impactar diretamente as exportações, pois lotes podem ser recusados por problemas fitossanitários.

Esse cenário de incertezas tem sido um campo fértil para a especulação. Somente em Lucas do Rio Verde

(MT), entre 14 de fevereiro e 14 de março, o preço da saca de milho passou de R\$ 14 para R\$ 18,81. Aumento de 34% em apenas um mês. Caso consideremos a variação neste ano, o milho no município, que estava cotado em R\$ 12,60 na virada do ano, já sofreu variação de 49%. Os preços atuais, não apenas no Mato Grosso, mas em várias regiões do Brasil, estão no mesmo patamar de março de 2013, quando ainda refletiam a quebra da safra americana.

Por fim, a despeito dos grandes estoques brasileiros do cereal, o cenário atual de alta nos preços do milho sinaliza uma preocupação com o abastecimento doméstico e mundial no segundo semestre. De agora em diante, é interessante ficar de olho no desenrolar do conflito na Ucrânia, na contabilização dos prejuízos da safra brasileira de verão, no início do plantio norte-americano e na condução da segunda safra no Brasil.

**Pesquisadores da área de economia agrícola da Embrapa Milho e Sorgo*